

SER, PENSAR E SENTIR  
EM *JOÃO, O BOTÃO*,  
DE ELIZABETH MARTINS<sup>1</sup>

BEING, THINKING AND FEELING  
IN *JOÃO, O BOTÃO*,  
BY ELIZABETH MARTINS

Arlene Batista da Silva\*

Ana Carla Oliveira\*

NOTAS SOBRE A LEITURA

Em *História do livro e da leitura: novas abordagens*, Tânia Bessone (2009) afirma que tanto o livro como os modos de ler são práticas culturais criadas pelo ser humano, marcadas e transformadas pela sociedade ao longo da história. Apoiados nesse princípio, entendemos que os diferentes livros que lemos na escola, em casa, em viagens, nas férias, no trabalho etc., e os modos como os lemos dão a ver determinadas *representações* de mundo que legitimam certas *práticas* e *apropriações* (CHARTIER, 1994). Em síntese, para o

<sup>1</sup> SILVA, Arlene Batista da; OLIVEIRA, Ana Carla. Ser, pensar e sentir em *João, o Botão*, de Elizabeth Martins. In: SODRÉ, Paulo Roberto; AMARAL, Sérgio da Fonseca; CEI, Vitor; COELHO, Wilson (Org.). *Brav@s companheir@s e fantasmas 9: estudos críticos sobre o/a autor/a capixaba*. Vitória: Edufes, 2023. (Coleção Pesquisa Ufes, v. 56). p. 26-42. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/handle/10/774>>. Acesso em: 19 jul. 2024.

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

\* Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

autor, as *representações* são as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social. As *práticas* são modos, usos e costumes construídos a partir das representações, dando significado à realidade, enquanto as *apropriações* são modos e processos que determinam as operações de construção de sentido (CHARTIER, 1990).

Para alguns estudiosos (CAPOVILLA; GÜTSCHOW; CAPO VILLA, 2005; CÁRNIO et al., 2006; CAPELLINI, 2006), a leitura é entendida como o domínio mecânico da decodificação do sistema alfabético da escrita que legitimou práticas como “a memorização de palavras, leitura a partir da silabação e da soletração e fundamentou o método monitorial-mútuo utilizado no processo de alfabetização que vigorou até o final da década de 30 do século XIX” (BECALLI; SCHWARTZ, 2015, p. 18).

Outra concepção, de base estruturalista, toma a leitura como ato de comunicação, cujo processo envolve emissor-mensagem-receptor. No limite, o leitor torna-se um decodificador da mensagem, sem muito esforço, ou pior, sem a necessidade de expressar seus posicionamentos, sentimentos, atitudes diante do texto, “o que coloca estes leitores na condição de entidades vazias – de conhecimentos e sentimentos – a quem cabe somente decodificar e ‘engolir’ as mensagens dos múltiplos textos estudados” (SILVA, 1999, p. 13). Algumas práticas de leitura, a partir dessa concepção, propõem encontrar respostas no texto para perguntas objetivas, tais como: onde fulano mora? Em que ele trabalha? O que gosta de fazer nas horas vagas? E assim por diante.

Na contramão dessas concepções de leitura, buscaremos ler a obra *João, o botão*, de Elizabeth Martins (1999), em diálogo com outros textos, com relações externas à leitura como o contexto e os sujeitos envolvidos nesse processo, pois defendemos, com João Wanderlei Geraldi, que

[...] ler é construir uma compreensão no presente com significações que, entranhadas nas palavras, são dissolvidas pelo seu novo contexto

– que incluem também as contra palavras do leitor – para permitir a emergência de um sentido concreto, específico e único, produto da leitura que se está realizando (GERALDI, 2010, p. 103).

Nessa perspectiva, leitura é dar um sentido, é produção, e não reconstituição de sentidos. Não há como o leitor encontrar o sentido desejado pelo autor, de modo que haja uma equivalência entre sentido desejado e sentido percebido. Ao pegar como exemplo o texto literário, uma obra aberta por natureza, “a leitura é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário” (GOULEMOT, 2009, p. 108).

Tomando como princípio a capacidade humanizadora da literatura proposta por Candido (2011) e Corrêa et al. (2019), tomaremos o texto ficcional, dialogando com ele a partir de sua ligação com o real, que possibilita o reconhecimento da realidade (experiências de leitura), transposta para o mundo ficcional. Nesse sentido, entendemos que a obra *João, o botão*, em sua forma e conteúdo, expõe sentimentos e vivências do sujeito contemporâneo, desvelando a realidade histórica e social em que o homem se constitui.

*João, o botão* foi publicado por Elizabeth Martins em 1999. Em linhas gerais, retrata as reflexões de um botão sobre as funções sociais que poderia desempenhar na vida. De acordo com a autora, a obra surgiu quando ela desejava escrever uma nova história e precisava de algo bem especial, diferente, que despertasse o interesse das crianças para a leitura<sup>2</sup> (MARTINS, 2020). Assim como o botão pensador da trama, Martins passou dias buscando... até que seu olhar voltou-se para um cabide de pé, onde estava pendurada uma blusa e foi como se um zoom trouxesse até ela a imagem nítida de um botão. Pronto! Começa, então, a organização poética da linguagem que pode revelar às crianças a complexidade da existência humana (MARTINS, 2020).

---

<sup>2</sup> A narrativa explicitada nesta seção nasceu de uma entrevista virtual concedida a nós pela escritora Elizabeth Martins, em 30 de setembro de 2020.

Narrado em terceira pessoa, o enredo se passa em um armário, tendo como protagonista um botão preto grande que vive em uma caixinha de papelaria e sonha fazer coisas diferentes, como viajar, andar de trem, de bicicleta; queria ser mais que um botão. O narrador é onisciente, analisa e sabe tudo sobre os sentimentos e pensamentos dos fregueses que chegam ao armário. Os personagens humanos não são nomeados, só o objeto botão. Eles chegam à papelaria para comprar botões; a primeira pessoa é um menino briguento; o segundo, um homem triste; e a terceira, uma cliente idosa sorridente e feliz que chega e avista João num canto dormindo. Compra-o e ele acorda no focinho de um cachorro. João não tem escolha, pois estava dormindo. A idosa confecciona um cão de pano para a neta e coloca João no focinho; sendo assim, João viaja de ônibus, passeia, faz tudo que sempre sonhou, enquanto vivia como botão, pois no focinho ganhou liberdade, a menina leva-o para vários lugares.

A partir do comentário dessa obra, ancorado nos estudos de Stuart Hall (2015) e Zygmunt Bauman (2005) sobre a identidade, esperamos contribuir para que a leitura do texto literário não seja um ato mecânico de decodificação do que está posto na superfície textual, mas uma atividade produtora de sentidos para o desvelamento da realidade.

### INTRODUÇÃO À LEVEZA: A AUTORA<sup>3</sup>

Enquanto escreve, Elizabeth Martins ouve os silêncios e num instante de brilho, suas histórias cheias de leveza permeiam as páginas dos livros infantis. A autora, em si, carrega a leveza da bailarina cor de rosa e a expressividade de suas mãos dançam como borboletas no jardim de Laila. Joões, os botões, brincam de esconde-esconde nas caixinhas de costura, viram focinhos, contemplam a

---

<sup>3</sup> O título faz referência ao livro de crônicas da autora publicado em 2014.

borboleta que pousa no balcão daquele movimentado armarinho. Nesse vaivém, a autora expressa em seus personagens os mais variados sentimentos.

Em 1952, nascia em Vitória, capital do Espírito Santo, Elizabeth Martins. Graduiu-se em História, com licenciatura plena, na Ufes em 1973. Exerceu a profissão como professora durante 12 anos, quando, por razões pessoais, deixou a sala de aula. Na década de 90, mergulhou no universo literário, dedicando sua vida à produção de literatura infantil. Certamente, nesses anos, veio juntar-se à grande cepa de escritores e escritoras capixabas já atuantes no estado.

Desde então, surge sua primeira experiência com a escrita, que segundo ela, sempre gostou muito de ler, incentivada pelo seu pai, que era um grande leitor. A vontade de escrever veio forte em meados de 1992, quando sentiu necessidade de se envolver com uma nova forma de se expressar e de participar de um movimento que se iniciava com a proposta de incentivar a leitura, partindo da descoberta do prazer de ler entre as crianças. Nessa mesma época, descobriu-se cronista e foi publicada no jornal *A Gazeta*, durante dois ou três anos; dois anos na *Revista Hype*, da jornalista Betty Feliz, e em publicações eventuais da Secretaria Municipal de Cultura de Vitória.

Ao debruçar-se sobre o seu método de trabalho, Martins pontua que, no princípio, era tudo muito emocional e cheio de esperança de fazer parte de um movimento que privilegiava o conhecimento infantil. Aos poucos foi tomando um rumo mais objetivo, encarado de forma mais profissional. Envolve-se com a Educação Infantil de maneira mais completa, estudando sobre essa fase do aprendizado da criança, volta à sala de aula como parte do projeto, levando o livro até as crianças. Assim, a escrita continuou a fluir e o trabalho cresceu em responsabilidade. Percebemos no relato uma postura engajada e consciente da autora, quando se dá conta da função social que exerce na formação humana, cumprindo a missão de levar aos pequenos leitores sua literatura.

Cabe ressaltar que um escritor não nasce da noite para o dia, e sim das leituras que faz ao longo da vida, e nessas leituras estão seus maiores mestres. Quanto a isso, Martins volta ao baú da memória infantil e tira de lá seu primeiro mestre favorito, Monteiro Lobato, cuja obra completa seu pai a presenteou, em 21 volumes de capa verde e títulos prateados, que passou a ser sua leitura constante desde os 6 anos de idade. Na infância leu de tudo um pouco, entre revistinhas e obras de autores consagrados traduzidos para o público infantil. Mas havia outra influência muito forte que vinha com a contação de histórias de sua mãe e do avô paterno. Mais tarde, contou com o apoio e carinho do poeta Sérgio Blank (*in memoriam*), que no mundo da escrita “foi o primeiro amigo, sempre solícito, um apreciador da literatura infantil” (MARTINS, 2020).

Além dos três livros infantis publicados, *Bailarina cor de rosa* (1993), *João, o botão* (1999) e *O jardim de Laila* (2007), publicou em 2014 uma coletânea de crônicas, *Introdução à leveza*, prefaciado pelo professor Luiz Guilherme Santos Neves. Bem antes, como resultado das oficinas de contos com a professora Deny Gomes, publicou em grupo um livro de contos, *No canto do olho* (1998), já esgotado. Atualmente, trabalha na tentativa de produzir um livro de contos bem curtos, quase flashes de diversas situações. Logo, envolvida na paixão pela fantasia, Martins convida o seu público a mergulhar intensamente nas suas histórias e a descobrir em cada personagem seus anseios, alegrias, frustrações, desejos e sonhos.

## OLHARES CONVERGENTES SOBRE AS IDENTIDADES

A pluralidade de formas de ser na vida social contemporânea oferece ao indivíduo uma multiplicidade de identidades com as quais ele pode flertar e até assumir, desde que provisoriamente. As diversas possibilidades de ser são possíveis devido a mudanças estruturais que ocorreram nas sociedades modernas que, no final do século XX, alteraram os sistemas de significação e representação cultural de

classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que compunham as paisagens sociais no passado.

Stuart Hall (2015) define a identidade a partir de três diferentes concepções marcadas sócio-historicamente: a identidade do sujeito do Iluminismo, a identidade do sujeito sociológico e a identidade do sujeito pós-moderno. De acordo com Hall (2015, p. 10), “o sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação [...]”. Fundamentado nas tradições e na estabilidade das relações sociais, o sujeito possuía uma identidade fixa que lhe era dada ao nascer e permanecia ao longo da vida como verdade absoluta.

O sujeito sociológico é formado na interação entre mim e outros sujeitos que lhe eram caros e transmitiam-lhe valores culturais num mundo sem grandes instabilidades, conferindo a esse sujeito certa consistência. Para Hall (2015, p. 11), “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”.

O sujeito pós-moderno é “conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2015, p. 12). Influenciado pelas profundas mudanças estruturais e institucionais à luz da globalização e da tecnologia ocorridas na sociedade, o sujeito assume uma identidade provisória, móvel, ressignificada continuamente em meio às múltiplas possibilidades de “ser” no cenário contemporâneo.

Outro teórico que apresenta reflexões importantes para se pensarem as identidades no mundo contemporâneo é Zygmunt Bauman. Ele usa o conceito de “liquidez” para explicar as transformações que ocorrem numa sociedade fluida, volátil, que impossibilita qualquer vestígio de estabilidade na pós-

modernidade. Desse modo, levada pelo movimento de uma vida em que tudo é provisório e temporário, a identidade se torna maleável, adaptável a diferentes formatos, tal como uma substância líquida. Assim,

Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação (BAUMAN, 2005, p. 91).

Nessa dinâmica do transitório, uma postura de reflexão é fundamental para as escolhas que o indivíduo faz: suas ações, os caminhos que percorre que lhe garantam a ocupação, o pertencimento a certos espaços.

Buscando aproximações entre Bauman e Hall, percebemos que ambos buscam discutir a perspectiva fragmentada das identidades no bojo das transformações do contemporâneo em contraponto com concepções de identidade sólidas ou, pelo menos, mais estáveis, forjadas em momentos históricos anteriores. Se, para Hall, essa identidade contraditória e inacabada do sujeito contemporâneo o leva a um estado de crise, Bauman sinaliza que é preciso fazer escolhas identitárias conscientes da provisoriedade e da fragilidade desses papéis sociais.

Ressaltamos que, neste estudo, não temos a intenção de unicamente identificar os conceitos de identidade propostos por Bauman e Hall na obra *João, o botão* (1999), pois significaria reduzir a leitura literária a uma atividade decodificadora de caça-conceitos. O que pretendemos é entrelaçar os discursos teóricos, a obra literária e os fatos do mundo concreto numa perspectiva crítica que lança todos sob suspeita, com o objetivo principal de propor perguntas em vez de encontrar uma única resposta válida.

À luz dessas considerações, adentramos a obra literária com a seguinte questão: quais noções sobre a identidade podem ser problematizadas a partir da leitura de *João, o botão*? A nosso ver, nossas respostas a essa questão podem somar-

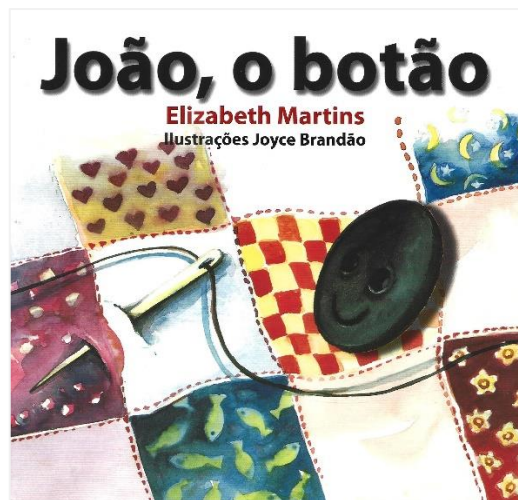


se a outras para, assim, repensar a formação do leitor, o ensino de literatura e as práticas de leitura literária nas escolas de educação básica.

## MATERIALIDADES DA OBRA

Já de início, o título *João, o botão* dialoga com a ilustração da capa, de Joyce Brandão, que transporta a criança para o universo ficcional: ao fundo, ocupando praticamente toda a página, vários pedaços de tecidos estampados e lisos costurados numa composição harmônica, figurando uma colcha de retalhos, onde repousa um botão sorridente, acompanhado de uma linha passada na agulha espetada no tecido.

Figura 1 – Capa de Joyce Brandão para *João, o botão*.



Fonte: Martins (1999).

De acordo com o escritor e ilustrador Luís Camargo (1998, p. 36), “a ilustração expressa emoções através da postura, gestos e expressões faciais dos personagens e dos próprios elementos plásticos como linha, cor, espaço, luz, etc.”. A expressão de alegria do botão, somada às cores vivas que estampam os retalhos (amarelo, vermelho, verde, azul), convidam o leitor para “costurar” essa história com sua imaginação.

Martins (1999) começa a narrativa de modo inusitado: entrelaça enunciados de diferentes gêneros literários e amarram o leitor, declarando um suposto problema vivido pelo protagonista. Preso ao contrato ficcional, o interlocutor terá inevitavelmente que virar a página para descobrir os segredos de João.

Era uma vez um botão que desejava ser mais que um botão. As possibilidades que a vida de botão oferecia não deixavam o João contente. Estava sempre a pensar e a conversar consigo mesmo, conversa de botão com seus botões, tentando encontrar situações agradáveis na vida que o esperava. Mas achava sempre um motivo para se preocupar (MARTINS, 1999, p. 6).

Enquanto o enunciado dos contos de fadas (“Era uma vez”) transporta o leitor para longe do mundo real e dispara uma problemática existencial (“um botão que queria ser mais que um botão”), Martins dá vida e consciência a um ser inanimado, instaurando uma fusão com o gênero apólogo, caracterizado por Moisés (1999, p. 34) como uma narrativa curta de sentido alegórico, protagonizada por seres inanimados. Assim, observamos como a autora molda diferentes gêneros literários para seduzir o leitor a entrar no jogo da linguagem.

No primeiro parágrafo do livro, o personagem-objeto ganha feições humanas e atende pelo nome de João: “Estava sempre a pensar e a conversar consigo mesmo, conversa de botões com seus botões, tentando encontrar situações agradáveis na vida que o esperava” (MARTINS, 1999, p. 6).

É sempre bom esclarecer que o narrador não é autor, mas uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística da autora e, portanto, existe só no texto (GANCHO, 1997, p. 29). Essa entidade ficcional direciona o foco narrativo que revela ao leitor quem é o personagem, as impressões que passam por sua mente, a respeito das situações em que se encontra (FRIEDMAN, 2002, p. 171).

Na obra em análise, o narrador onisciente faz com que João diga o que pensa e sente sobre as identidades que poderá assumir a partir da função social que vier a ocupar nas vestimentas. Em seu monólogo interior, ele revela que está

vinculado a um estilo de vida formal, sem espontaneidade, que não lhe atrai. A ilustração de um blazer em preto e branco preso ao cabide reforça a ideia de tédio no pensamento do protagonista no texto verbal: “Mas, e se eu fosse o botão de uma roupa séria e sem graça que quase nunca saísse do armário? Não, nem pensar” (MARTINS, 1999, p. 8). Por outro lado, cair na folia e extravasar no carnaval, viver a vida invertendo as convenções sociais (ideia ilustrada por meio do botão costurado na fantasia de um palhaço) lhe parece interessante, mas conclui: “Tá certo, daria pra ver muita coisa, brincar bastante, mas ia ser tão pouco em 365 dias! Essa não!” (p. 9).

Em outro trecho, o foco narrativo transita entre sentimentos do protagonista entrecortado por fatos cronológicos, permitindo ao leitor conhecer o mundo interior, o fluxo de consciência de João ao refletir sobre os fatos que marcaram sua vida.

Um dia veio à loja um menino, camisa aberta no peito, rosto arranhado e jeito sapeca. Junto com ele sua mãe, que pediu à vendedora: quero botões de quatro furos, daqueles bem resistentes, para as camisas do meu filho. Ele é tão levado e briguento que, volta e meia, vai pra casa sem um botão sequer. Sabe como é, são arrancados no pega-pega das brigas que ele arranja pela rua. João arregalou os olhos e, apavorado, pensou: – Abotoar a camisa desse menino vai acabar em tragédia. Já posso me ver caído num chão qualquer, pisoteado por um batalhão de meninos levados! Mas logo ficou mais calmo:  
– Ah! Eu sou um botão de dois furos, então não sirvo pra ela! E suspirou aliviado (MARTINS, 1999, p. 12-13).

A partir do trecho acima, é possível perceber que João se apavora com a possibilidade de ocupar um lugar social em que corre riscos e pode ser descartado. Com isso, ele revela que não se encaixa com o perfil arrojado, preparado para os desafios, disposto a assumir consequências negativas nas relações sociais com as quais se envolve.

Na página 14, outra situação em que João foge (rolou para o cantinho da gaveta) como ato de resistência a pertencer a um senhor muito sério que precisava de botões. João desabafa “– Ufa! Desse aí estou livre! Não seria bom estar nas

roupas dele. Ele nem sorri!”. Desse modo, o narrador onisciente desvela elementos da crise existencial de João: a) tomada de consciência de sua função na sociedade; b) não identificação com os papéis sociais que surgem em seu cotidiano; c) a busca por uma vida de prazer, diversão, sem imposições.

Reconstituindo os sentidos do texto com a realidade da vida, na estrutura social em que vivemos, cada um de nós desempenha várias funções e somos impelidos a assumir comportamentos historicamente modelados pelos valores e crenças da comunidade na qual estamos inseridos. Embora a identidade social na pós-modernidade tenha sofrido significativas alterações culturais em relação aos padrões tradicionais, ainda hoje, em alguns espaços, causa estranheza para muita gente ouvir uma mulher dizendo que não quer ter filhos, meninos querendo dançar balé e meninas, jogar futebol. Agir fora das (preconceituosas e machistas) normas sociais simplesmente por querer fazer aquilo de que se gosta, o que lhe dá prazer, pode se tornar motivo de angústia e sofrimento, pois, inevitavelmente, o sujeito sofrerá sanções do meio em que vive por transgredir as regras estabelecidas.

Trazer essa discussão para o público infantil por meio da literatura torna-se relevante na medida em que as crianças vivem sob os cuidados dos pais ou responsáveis, ou seja, aqueles que determinam comportamentos a serem seguidos: torcer para o time X, gostar de certo estilo musical, de uma certa comida etc. No entanto, a partir das reflexões de João, os leitores podem perceber que as identidades na pós-modernidade não são fixas, mas podem ser ressignificadas, reinventadas, pois

[...] o homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca (FREIRE, 2008, p. 27).

Nessa perspectiva, podemos entender que as inquietações do protagonista, na obra *João, o botão*, sobre sua identidade guardam marcas da realidade histórica e social do homem. Contudo, advertimos que a obra literária não é reflexo, espelho da realidade imediata. Na condição de objeto artístico, ela cria um mundo próprio para mostrar como vivemos, as relações que estabelecemos no cotidiano e, ao mesmo tempo, torna-se uma antítese da sociedade, na medida em que revela o que está oculto nos condicionamentos sociais.

À luz dessa consideração, as angústias, as reflexões sobre o lugar social que deve ocupar na sociedade e até as atitudes de resistência de João revelam para o leitor a totalidade da vida, pois, “[...] ao vivenciar no mundo próprio da arte, a relação entre essência e aparência, volta para seu cotidiano mais consciente de sua inteira realidade” (CORRÊA et al., 2019, p. 14).

Seguindo os moldes do enredo dos contos de fadas – a) parte-se de um problema; b) desenvolve-se em torno da busca por soluções; e c) encerra-se com a restauração da ordem (COELHO, 2003) –, o conflito existencial de João é resolvido com um final feliz e inusitado, pois João torna-se o focinho de um cachorrinho de pano que é dado como presente pela avó à sua neta e, desse modo, finalmente assume a identidade que foge às funções tradicionais atribuídas a um botão:

Daquele dia em diante a vida de João, antes botão, mudou. Brincadeiras todos os dias, circos, parques de diversão, jardins, praças cheias de crianças, beijos melados de sorvete, escorrega, balanço, gangorra, uma alegre confusão. E à noite bem quentinho, debaixo das cobertas e junto ao rosto da menina, sentia que era mesmo, de um cachorro, o focinho (MARTINS, 1999, p. 27).

Nesse trecho, o narrador descreve em detalhes os lugares e sentimentos de João, revelando para o leitor o homem em sua humanidade, pelo entrelaçamento de seus aspectos individual, social e cultural. Cada experiência promovida pelas interações sociais e afetivas entre João e a menina ressignifica a percepção identitária do protagonista. Nesse sentido, é possível dizer que a discussão sobre

identidade presente na obra lança luzes sobre diferentes modos de ser-estar no mundo. Portanto, a obra de Martins é um convite ao debate e à renúncia de práticas sociais no mundo imediato que fortalecem identidades degradantes em que o homem cada vez mais perde sua humanização para ser tornar uma mercadoria.

Baseados em Chartier (1990, 1994) e Bessone (2009), no início deste trabalho, afirmamos que os modos como lemos dão a ver determinadas *representações* de mundo que legitimam certas práticas e apropriações. Então, buscamos nesta análise ler com uma postura ativa, entrelaçando as materialidades estéticas da obra literária com outras leituras teóricas e questões sociais do mundo real, a fim de produzir sentidos que nos permitam repensar o mundo e a nossa própria vida dentro dele (CORRÊA et al., 2019, p. 33).

## Referências

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. MEDEIROS, C. A (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECALLI, F. Z.; SCHWARTZ, C. M. O ensino da leitura no Brasil e seus fundamentos teóricos e metodológicos. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 24, n. 55, 2015. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/2166/1572>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

BESSONE, T. A história do livro e da leitura: novas abordagens. *Floema*, Vitória da Conquista, v. 5, p. 97-111, out. 2009. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1758/1496>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CAMARGO, L. *Ilustração do livro infantil*. 2. ed. Belo Horizonte: Lê, 1998.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

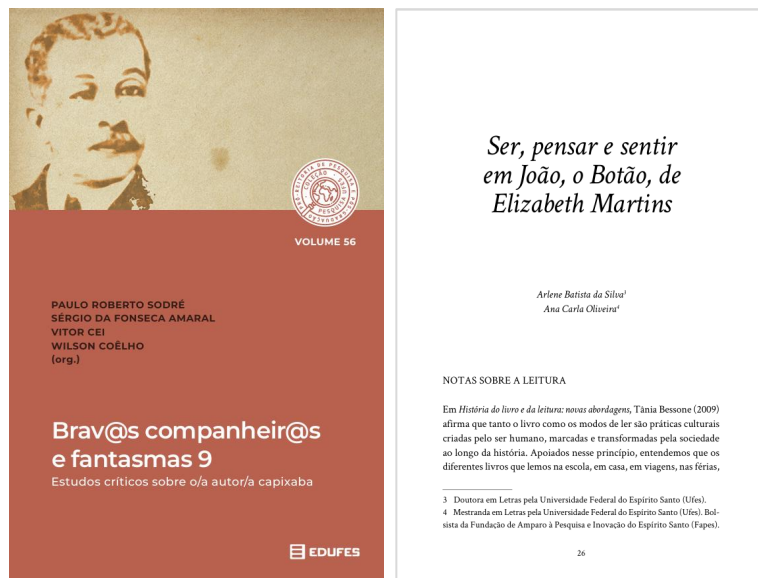
CÁRNIO, M. S. et al. Habilidades de consciência fonológica e letramento em crianças do ensino fundamental. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 231-242, 2006.

- CAPELLINI, S. A. Neuropsicologia da dislexia. In: MELLO, C. B.; MIRANDA, M. C.; MUSZKAT, M. *Neuropsicologia do desenvolvimento: conceitos e abordagens*. São Paulo: Memnon, 2006. p. 162-179.
- CAPOVILLA, A.G. S.; GÜTSCHOW, C. R. D.; CAPOVILLA, F. C. Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 6, n. 2, p. 13-26, 2005.
- COELHO, N. N. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.
- CORREIA, A. L. R. et al. *Caderno de Literatura: um percurso de formação em literatura na educação do campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1994.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio 2002.
- GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. NASCIMENTO, C. (trad.). Introdução de Alcir Pécora. 4. ed. revista. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 107-116.
- GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- GANCHO, C. V. *Como analisar uma narrativa*. São Paulo: Ática, 1997.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. p. 10-12.
- LEITE, L. C. M. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.
- MARTINS, E. *João, o botão*. Ilustrações de Joyce Brandão. Vitória: Art Graf, 1999.
- MARTINS, E. *Entrevista concedida a Arlene Batista da Silva e Ana Carla Oliveira*. Inédita. 30 set. 2020.
- MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SILVA, E. T. da. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 11-19, jan./jun. 1999.

RESUMO: Este estudo tem por objetivo analisar a obra literária *João, o botão* (1999), da autora capixaba Elizabeth Martins. Baseados na concepção de leitura como atividade produtora de sentidos (GERALDI, 2010), tomaremos elementos que constituem a materialidade da obra literária como ponto de partida para refletir acerca das diferentes identidades do sujeito que

transitam na pós-modernidade, conceituados por Stuart Hall (2015) e Zygmunt Bauman (2005). As análises demonstram que a obra *João, o botão* permite ao leitor o questionamento do mundo objetivo, na medida em que se depara com as inquietações do protagonista sobre a vida. Desse modo, as reflexões deste trabalho fortalecem a ideia de que a leitura literária permite ao leitor produção de múltiplos sentidos, indo além da prática decodificadora dos elementos da narrativa presentes na superfície do texto literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura literária – Literatura para crianças. Literatura para crianças – Elizabeth Martins. Elizabeth Martins – *João, o botão*. Identidades – Tema literário.



Capa de *Brav@s companheir@s e fantasmas 9* e página inicial do capítulo "Ser, pensar e sentir em *João, o Botão*, de Elizabeth Martins", de Arlene Batista da Silva e Ana Carla Oliveira.